

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.03.012

A PRODUÇÃO DOS SENTIDOS NA OBRA LITERÁRIA “O FEIJÃOZINHO SURDO”

Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar uma análise com base na categoria teórico-metodológica da verbo-visualidade, a qual retrata os sentidos e significados presentes no conto “O Feijãozinho Surdo”. Dialogamos, assim, com alguns conceitos base de Bakhtin (2019) e Peixoto e Possebon (2018) e com questões sobre cultura e identidade surda. Reiteramos que a verbo-visualidade é uma teoria discutida por Brait (2013) a qual está imbricada nos conceitos Bakhtinianos, em que se utiliza do uso de imagens acompanhadas de textos verbais, emitindo uma única unidade de sentido e consolidando o significado do enunciado, ou seja, ambas as materialidades são constitutivas. A presente pesquisa é vista como de natureza aplicada, pois busca construir conhecimentos para a aplicação prática solucionando problemas específicos, especialmente os sentidos extraídos da obra literária “O Feijãozinho Surdo”. Assim, para a elaboração desta, desenvolvemos uma abordagem qualitativa mantendo uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito. Uma vez que o referido estudo aborda que “um ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave” (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010, p. 26). Além do arcabouço teórico já citado, faremos uso também de autores como Slomski (2012), Brait (2009 e 2013), Faraco (2009) e Bakhtin (2003 e 2006). É possível observar, em toda a obra, a característica imagética/visual, assim como a gráfica em SignWriting. Além disso, a presença da visualidade é marcada pelo imagético e pelo verbal, pois a imagem, como um todo, é um texto tido como um recurso semiótico que dialoga e relata as experiências do dia a dia e que leva o leitor a compreender o contexto histórico-cultural. Diante disso, através desse

¹ Mestre do Curso de Letras da Universidade Federal - PB, aline.frutuoso@ifpb.edu.br;

estudo, trazemos à tona o heterodiscurso através das vozes da pessoa surda, proporcionando à criança surda e toda sua comunidade acesso à sua historicidade, uma vez que expressa uma relação dialógica entre o eu e o outro. Concluímos que os sentidos evocados através do discurso refratam aspectos da língua, cultura e identidade; assim como, promove ao leitor surdo infantil o contato com os aspectos literários da sua primeira língua: Libras.

Palavras-chave: Verbo-visualidade, Sentidos, Literatura Surda, Libras.

INTRODUÇÃO

É notável os avanços da língua dos surdos brasileiros, assim como suas manifestações literárias. Antes mesmo do reconhecimento da Libras enquanto língua, o povo surdo fazia uso da Literatura. Isso acontecia por meio do encontro surdo-surdo através das rodas de conversas entre eles e contação de histórias de vida. Com isso, foram surgindo, cada vez mais, registros de sua Literatura conhecida como Literatura Visual. Os aspectos literários, o uso da Literatura, suas produções foram sendo registradas em grande número a partir dos avanços da tecnologia, uma vez que a Libras é uma língua visuo-espacial.

Os avanços literários também são crescentes na modalidade impressa. Na atualidade, já temos acesso aos vários autores surdos e ouvintes e às muitas obras registradas em escrita de sinais, ou em DVDs, filmes e em alguns sites. Conforme já citado, a tecnologia auxiliou na transmissão dessa herança cultural que é a Literatura Visual. Diante disso, iremos discutir os aspectos literários e culturais abordados em Strobel (2015) e Peixoto e Possebon (2018). Reitero baseado nas autoras já citadas que trazemos à tona a tradição sinalizada ou visual, que se refere a obras registradas por meio da Língua de Sinais escrita ou sinalizada.

Diante disso, iremos analisar uma obra pertencente à Literatura Visual no viés da adaptação, dialogando com a verbo-visualidade, que é uma teoria trazida por Brait (2013) e está imbricada nos conceitos Bakhtinianos. Esta afirma que o uso de imagens acompanhadas por textos verbais emitem significação e consolidam o sentido do enunciado, ou seja, são constitutivos.

A motivação e o interesse em pesquisar a temática ocorre a partir do momento em que passamos a nos debruçar na categoria teórica de análise da verbo-visualidade com o propósito de utilizá-la na pesquisa desenvolvida no mestrado. Desse modo, também por nos interessar no debate trazido por Bakhtin e o círculo e perceber que a Literatura Visual, no viés da Literatura surda e da categorização adaptação, ganhou visibilidade com o passar dos anos. Iniciamos a construção dessa pesquisa pensando, assim, no público alvo: a criança surda e querendo discutir entre a verbo-visualidade e a Literatura Surda.

Optamos por contemplar a referida obra que é voltada para o público surdo infantil, uma vez que a criança surda tem o direito à acessibilidade linguística e de ter acesso às informações na sua língua e na modalidade escrita por meio sistema escrito: Signwriting (escrita de sinais), de sua própria língua.

Sobre isso, Peixoto e Possebon (2018) aborda que a Literatura Surda, no viés da adaptação, apresenta em todo o seu enredo elementos dos aspectos culturais da pessoa surda e que são obras criadas por surdos. Com isso, trazemos a obra literária “O Feijãozinho Surdo” como proposta a ser discutida e explanada.

Como arcabouço teórico, faremos uso de autores como Peixoto e Possebon (2018), Strobel (2015), Slomski (2012), Brait (2009 e 2013), Faraco (2009) e Bakhtin (2003,2006). Percebemos que a obra pertence à categoria adaptação, trazendo algumas características e sentidos identitários e culturais do sujeito surdo. A escolha dessa obra se deve ao fato de elas serem verbo-visuais, pois, segundo Brait (2013) o texto visual e verbal se complementam para produzir sentido, tornando-se um todo indissolúvel, ou seja, uma unidade de sentido. Percebemos, assim, a relevância da presença da representação gráfica e imagética existente na obra.

É nítido a característica imagética/visual, assim como, a gráfica em SignWriting contida na obra. No entanto, a presença da visualidade é marcante por meio do imagético e verbal, pois a imagem, como um todo, é um recurso semiótico e traz, na maioria das vezes, experiências do dia a dia que leva o leitor a compreender o contexto histórico-cultural.

Concluímos, com isso, que esta pesquisa é um meio de propagar os aspectos literários dessa língua tão valorosa, assim como produz sentidos e refrata as relações sociais, antropológicas e históricas.

Com esse trabalho, trazemos a cultura surda como herança cultural e, assim, ampliamos o acesso à obra literária que nos traz discursos em que estão presentes aspectos culturais e identitários de um povo, como também significação e subjetividade surda. Isso porque cada povo surdo tem uma forma de compreender o mundo, e se constrói a partir de suas vivências partilhadas no que tange à sua visão do mundo por meio da experiência visual.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é vista como de natureza aplicada, pois busca construir conhecimentos para a aplicação prática solucionando problemas específicos, no nosso caso os sentidos extraídos da obra literária O Feijãozinho Surdo. Para a elaboração desta, desenvolvemos uma abordagem qualitativa, mantendo uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito. Uma vez que a referida pesquisa aborda que “um ambiente natural é a fonte direta para

coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave” (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010, p. 26).

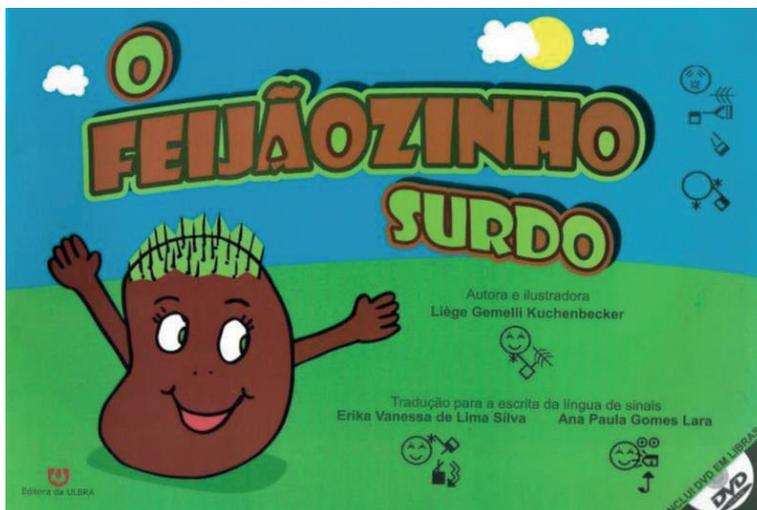
Logo, iremos realizar pesquisa documental tendo como autores que discutem a temática em questão como: Bakhtin (2003, 2006), Brait (2007, 2009, 2011, 2013), Faraco (2009), Peixoto (2020), Strobel (2015) dentre outros.

O papel da verbo-visualidade para esta pesquisa é relevante, pois nos remete à construção de sentidos e significado, voltado à Literatura para a comunidade surda. Assim como traremos algumas categorias Bakhtinianas como a autoria e o heterodiscurso.

4.1 O CORPUS DA PESQUISA

A obra escolhida como o corpus da pesquisa é o conto “Feijãozinho Surdo” categorizado como pertencente à Literatura Surda, o qual nos traz aspectos significativos que dialogam com duas materialidades: a verbal e a visual. O livro é bastante ilustrado e em suas páginas percebemos elementos como: ilustrações, cores, língua de sinais escrita e Língua Portuguesa conforme a imagem abaixo.

Figura 1 – Capa do Livro



Fonte: Kuchenbecker (2019)

Por termos contato com essa obra em um momento crucial da nossa trajetória acadêmica em que orientamos alguns trabalhos com essa obra literária,

optamos por utilizar e realizar essa análise trazendo os sentidos e significados expressos de acordo com a análise dos sentidos tendo como categoria de análise a verbo-visualidade.

O enredo conta a história de um casal de feijão que tem um filho, e que logo percebem que ele é surdo, pois ele utilizava das mãos para se comunicar. Todo o desenrolar da história traz o percurso da aceitação do feijãozinho surdo, a utilização e aceitação da língua de sinais a inserção e reconhecimento da comunidade surda.

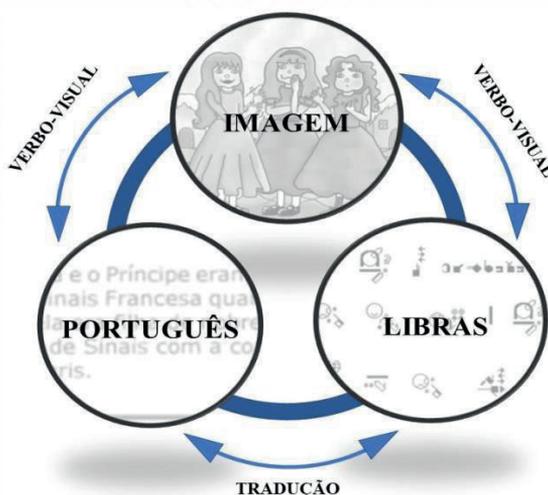
4.2 ANÁLISE DE DADOS

A obra em questão é composta por textos verbo-visuais e contém aspectos da cultura surda, pretendemos analisar os sentidos expostos na obra, em que contém as ilustrações, cores, a Libras escrita por meio do Signwriting e a Língua Portuguesa.

Os critérios de inclusão para a escolha da obra foi que tivesse a Libras sinalizada e escrita; texto verbo-visual e aspectos da cultura surda.

A partir disso, compreendemos que os textos são compostos por textos verbo-visuais; assim, as análises serão realizadas a partir da verbo-visualidade citada por Brait (2009, 2011, 2013); bem como será observada a presença de algumas categorias Bakhtinianas.

Figura 2 - Relações envolvendo o verbo visual a partir da obra adaptada



Fonte: Oliveira-Filho (2021)

A imagem acima é um gráfico trazido na pesquisa do autor Oliveira-Filho, que é um dos pioneiros na temática e que faz referência à verbo-visualidade. Apresentamos a imagem para referenciar como será realizada a análise da obra. Na obra adaptada, pretendemos analisar os pares e trios de páginas, interagindo com as ilustrações, a Libras escrita e a Língua Portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudar os aspectos literários da comunidade surda requer de nós uma compreensão do que é cultura, uma vez que temos uma imensa pluralidade cultural e, nesse contexto, constatamos diferentes traços culturais. Para Bakhtin (2019), cultura não pode ser fechada como algo pronto e acabado, mas sim, é tida como uma unidade aberta. A cultura se arma como o lugar de concepção do eu na interação com o outro, ou seja, o lugar de pensar, de ser pensado e interagir entre o eu, o outro e a cultura (Pajeú; Miotello, 2018).

Podemos entender que em cada cultura temos possibilidades da produção de sentido partindo do processo sócio-histórico. Diante disso, é notável salientar que a cultura do outro só se revela diante dos olhos de outra cultura, ou seja, um sentido só revela suas profundezas ao encontrar e contatar o outro repleto de diálogo (Bakhtin, 2019).

Assim, a partir de práticas discursivas e sociais promovemos significados, temos um encontro dialógico refratando toda realidade cultural que está imbricado em costumes e tradições de um grupo. Mas esse termo não é apenas um conceito, é algo subjetivo intrínseco do ser humano. No entanto, culturas surdas, de acordo com Strobel (2015), estão relacionadas ao jeito do surdo entender e enxergar o mundo ajustando as suas percepções visuais com base em sua subjetividade.

Uma vez que abordamos sobre cultura, é notável apresentar a discussão sobre a verbo-visualidade, sendo urgente e necessário compreender alguns aspectos sobre essas duas materialidades: a verbal e a visual. O teórico Bakhtin, no início de seus estudos, aborda a linguagem em geral, mas ele se afirma no discurso da palavra do verbal, não como algo isolado, neutro e vazio, mas como algo relacionado à vida. Ele cita que a palavra nasce através do ato único da sua realização em um contexto social, histórico e concreto. Ou seja, palavra é discurso e reúne diversas vozes apresentando a história, luta social e ideologia por meio de práticas discursivas sociais (Brait, 2020).

Ainda com o verbal, podemos ter os sentidos modificados, atualizados por fazer parte de um processo entre um falante e interlocutor dialogando com os valores da sociedade, constituindo um produto ideológico (Brait, 2020).

Os pensamentos de Bakhtin trazem, assim, a teoria em que cita os aspectos visuais como objetivo de leitura e investigação, contemplando, assim, as fotografias, imagens e artes visuais. Preocupado não apenas com a língua, como também com os aspectos linguísticos, ele cita a palavra em sua plenitude no aspecto semântico e de conteúdo (palavra como conceito) e na representação expressiva (palavra como imagem) (Brait, 1997).

Tratando as duas semioses, a verbal e a visual, consideramos a relação da história e o tempo particular na extração dos sentidos e significados. Compreendemos que a palavra é confrontada com valores sociais e que ela é inseparável de outras formas de comunicação, adquirindo significações relativas ao contexto que ela está inserida (Frutuoso, 2023). No entanto, a significação é extraída da palavra a partir dos traços de união dos interlocutores, sendo o efeito da interação do locutor e receptor (Bakhtin, 2006).

Assim, os sentidos devem ser colocados de forma ampla, não pensando apenas no sentido dos signos e no domínio da língua, mas no signo ideológico no domínio do discurso e da vida (Brait, 2020). Deste modo, postulados nos estudos de Bakhtin e o círculo, a dimensão verbo-visual é um conceito desenvolvido por Brait (2009, 2011, 2013) e que participa ativamente da constituição dos sujeitos das identidades na vida e sociedade, partindo de uma esfera estético-ideológica (Frutuoso, 2023).

Constituindo-se a partir da construção do objeto e articulando entre as duas linguagens, partindo de um ponto de vista teórico-metodológico, dialogamos com as duas materialidades, a verbal e a visual, de forma constitutiva e inseparável, provocando um efeito de sentido.

Este conceito discutido pela teórica Beth Brait traz fortes contribuições para a produção de efeitos de sentido a partir da constitutiva relação verbo-visual. Ou seja, é uma articulação, uma interação que se denomina como a junção do verbal e visual em um texto ou em um único enunciado, não podendo ser separados. Ambos constituem um papel fundamental, indispensável e expressivo na produção de sentidos (Brait, 2011).

Considerando a imagem também como texto, afirmamos que a união do verbal e visual é articulada como um todo indissociável (Brait, 2009). Trazendo para o viés desta pesquisa, seria a união da imagem, texto em Língua Portuguesa

e língua de sinais escrita, extraíndo sentidos, sustentando argumentos e consolidando o sentido dos enunciados.

Nesse caso, o visual e o verbal nascem ao mesmo tempo e constroem os sentidos, os efeitos de sentido juntos, desde o berço. Não se pode tirar a frase ou analisar somente a frase, escrita em letra cursiva, funcionando como legenda, orientando ou desorientando a interpretação do espectador, colocando-o num lugar ao mesmo tempo engraçado e pouco confortável em relação a suas crenças sobre a arte. (Brait, 2013. p. 53)

De acordo com a autora, nos debruçamos em uma forte discussão e compreendemos que a junção e interação dos enunciados verbais e visuais formam uma unidade de sentido, interagindo e acrescentando-lhe valores.

Ainda no projeto verbo-visual, observamos que o verbal e o visual não se excluem, pois possuem a mesma importância. Essa articulação é uma marca identitária em que podemos contemplar desenhos, ilustrações, imagens, letras e fotos. O diálogo entre eles constrói especificidade referente à verbo-visualidade (Brait, 2009).

Assim reiteramos que, tanto na linguagem imagética como textual, temos diferentes características e cada uma trará contribuições específicas para a aprendizagem do conceito, sendo indispensável para a construção dos sentidos.

Ainda corroboramos que ela exalta a inter-relação e interdependência dos elementos verbais e visuais na construção de sentidos e significados. Constatamos a partir do uso dos elementos como linguagens, tabelas, diagramas, textos escritos, ilustrações, cores, gráficos, que não são apenas imagens, mas participam na construção do conhecimento e refrata um efeito de sentido e significação, trazendo uma exposição maior para todos os leitores e construindo, assim, argumentos que partem do conjunto de textos que trazem diversos discursos, constituindo, assim, o verbo-visual.

Partindo desses argumentos, constatamos que a verbo-visualidade considera todos os elementos do texto, e que se constituem como uma unidade de sentido trazendo discursos culturais, sociais, históricos e artísticos e construindo um sujeito pluricultural e plurilíngue.

Apresentando a obra como um todo, indicamos a presença do verbal e do visual, pois todo o texto é conduzido com ilustrações, texto em Língua Portuguesa e em escrita de sinais. Transmitindo, assim, sentidos semióticos, voltado à comunidade surda. Conforme Brait (2009), o todo verbo-visual é

indissolúvel, ou seja, consideramos todos os aspectos existentes como texto remetendo a um tom valorativo, dialógico e axiológico.

Diante da compreensão da teoria de cultura e da verbo-visualidade, iniciamos a análise da obra, em que a história é narrada em trechos e cada trecho é dividido em pares e trios de páginas, pois cada texto verbal vem acompanhado do texto não verbal. Em uma página temos o texto em Libras escrita, e na outra página a representação imagética com o texto verbal em Língua Portuguesa.

Partimos das páginas iniciais 6-13, através dos elementos verbo-visuais, que são imagens, cores, textos escritos em Língua Portuguesa e em Libras através do Sign Writing. Construimos sentidos por constatar a presença da autoria, como afirma Francelino (2007), quando alega que em uma obra há a aproximação entre o leitor e o autor criador. A presença da família de ouvinte, que através do casamento indica que os papais-feijão casaram-se e tiveram um filho (ver figura abaixo).

Figura 3 - O papai e a mamãe feijão



Fonte: Kuchenbecker (2019, p. 6-7)

E esse filho, o feijãozinho, nasceu surdo e feliz. Mas, conforme as expressões faciais de aflição e estranhamento, os pais não têm o mesmo sentimento. Aqui temos a marca cultural com o nascimento de uma criança surda, aproximando o leitor da realidade cultural das pessoas surdas. Uma vez que a presença de uma criança surda na família em que os pais são surdos e utilizam a língua de sinais é sinal de alegria (Strobel, 2015). Pois a Libras irá fluir desde a tenra idade e a criança terá acesso a sua língua desde cedo, passando pelo período de aquisição da linguagem com eficácia. Diferentemente quando os pais são ouvintes, essa aquisição ocorre tardiamente, e a Língua de sinais é adquirida muitas vezes apenas no ambiente escolar.

A partir da presença dos elementos como o texto e as expressões faciais, semblantes de admiração e estranhamento dos personagens argumentando que ele é diferente, pois não para de mexer as mãos (ver figura abaixo).

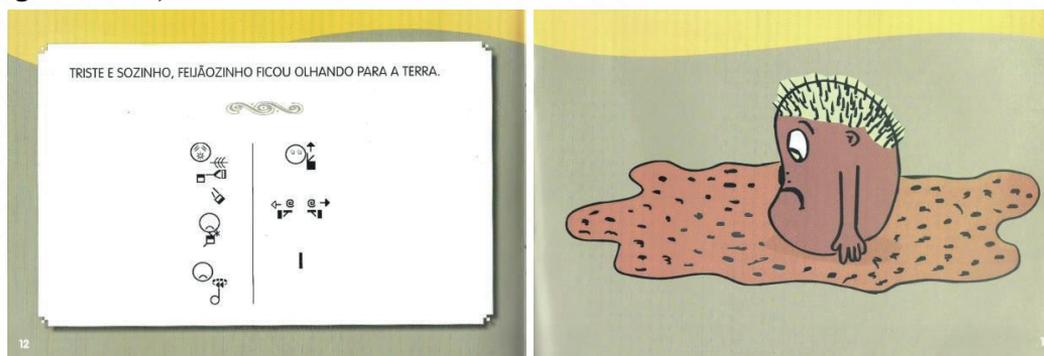
Figura 4 - O Feijãozinho é Surdo



Fonte: Kuchenbecker (2019, p. 10-11)

E, de acordo com o arranjo verbo-visual, na sequência do enredo vimos e percebemos o isolamento e a tristeza do feijãozinho (ver figura abaixo).

Figura 5 - O feijãozinho triste



Fonte: Kuchenbecker (2019, p. 12-13)

Aqui, refrata a subjetividade surda através do personagem feijãozinho, uma vez que as pessoas surdas sentem-se isoladas por muitas vezes não ter acesso ao seu par linguístico, nem possuir um referencial linguístico e identitário.

Assim, através da relação e diálogo face a face entre os três sujeitos, extraímos o sentido das memórias e notamos um valor ideológico percebendo o contexto da historicidade voltada à pessoa surda, pois de acordo com Bakhtin

(2006), sem signo não existe ideologia, e tudo que é ideológico é um signo expressando uma relação dialógica entre o eu e o outro.

Ainda nos enunciados dessas páginas 6-13, temos uma outra realidade, em que percebemos através do recurso visual, e do uso dos vários signos, os dois feijões-pais estão se encarando, surgindo, assim, corações produzindo um sentido de romantismo (ver figura 3). Desse modo, percebemos a articulação entre os elementos verbal e visual e, com isso, a dialogia mantendo relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados partindo das relações sociais de valor (Faraco, 2009).

Nas páginas 14-16, o enredo nos traz a presença de uma fada-feijão na cor verde em que a mesma por meio de uma mágica ensina Língua de sinais ao feijãozinho. Aqui constatamos o sentido valorativo e dialógico, a esperança de dias melhores por surgir a imagem da fada na cor verde, assim como a presença da visão sócio-cultural, que o surdo é visto como possuidor de uma língua e cultura própria (Slomski, 2012).

Temos também, de forma enfática, o uso da língua de sinais na modalidade sinalizada e escrita que está marcado de forma fundamental. Uma vez que a língua é que marca a cultura de um povo (Strobel, 2015). Ainda como resultado de análise presenciamos e dialogamos com o heterodiscurso, que são as vozes por meio das línguas sociais (Faraco, 2009). Percebemos a voz da comunidade surda, dos familiares de surdos que não aceitam sua língua, e toda sua manifestação por meio do uso da Libras nas relações sociais dialógicas e ideológicas.

Nas páginas 18-21, no arranjo verbo-visual através das formas linguísticas e imagéticas, a ilustração e ambos os textos. Temos o momento que indica: a fada-feijão diz ao feijãozinho que ele precisa de uma escola e da língua de sinais. Constatamos aqui, nessas vozes posicionamentos e posturas ideológicas (Sipriano; Gonçalves, 2017). Pois o discurso remete aos aspectos culturais da pessoa surda e a necessidade da aquisição da língua de sinais e de ir à escola para que se tenha contato com seus pares linguísticos, e passe a ter acesso ao ambiente linguístico de forma satisfatória.

O semblante e a expressão de gratidão do feijãozinho nos passa o sentido da ideologia que, a grosso modo, é tido como um conjunto de representação que justifica o discurso e ordem social (Faraco, 2009). Ou seja são posicionamentos valorativos e axiológicos carregado em contextos diversos, no caso citado o momento em que o personagem feijãozinho sente a urgência e a relevância

de se utilizar sua língua natural. Diante do exposto, constatamos a presença e o uso da língua de sinais, a sinalização de agradecimento por parte do feijãozinho, e o olhar dos pais por aceitar a mensagem que a fada havia passado, refratando, assim, aspectos valorativos e axiológicos do discurso.

Nas páginas 22-25, vimos a fada-feijão indo em busca de escolas para o feijãozinho, e se deparando com outros sinalizantes, em um momento de alegria que é expressa por meio dos movimentos e expressões corporais em que está existindo o uso da língua de sinais, aqui paira a relevância do encontro surdo-surdo (Skliar, 2016).

Ainda nos deparamos com a apresentação de duas escolas em que se existia o uso da Língua de Sinais. A fada, ao encontrar as duas escolas, uma inclusiva e outra bilíngue, a apresenta aos pais. Diante do exposto, nos debruçamos na questão político-educacional da comunidade surda e a relevância de levar o conhecimento a todos os familiares dos surdos de uma escola em que a Língua de Sinais seja a língua de instrução, ou seja, a primeira língua.

No entanto, refratamos os significados voltando ao discurso de natureza político-ideológica, trazendo posicionamentos ideológicos e os sentidos da palavra e como se modificam e se atualizam de acordo com a situação sócio-histórica que é utilizada (Brait, 2020).

Assim, como percebemos uma construção dialógica, partindo do contexto social e do enunciado expresso, Bakhtin (2003) afirma que todo enunciado se trata de uma ação, pois tem relação com o agir e posicionar axiologicamente na realidade com determinado assunto. Conforme o autor, esta realidade está bem clara no posicionamento valorativo e político-ideológico da fada-feijão quando vai em busca de escolas e oportunidades para o feijãozinho surdo.

No arranjo narrativo verbo-visual nas páginas 26-27, por meio das sequências verbais e visuais, das ilustrações e cores temos de forma paralela a apresentação de duas escolas uma ao lado da outra, a primeira temos a existência de duas línguas uma oral e outra de sinais, e a presença de um intérprete e professor, retratando a escola inclusiva.

E na segunda escola temos apenas a língua de sinais e o professor e as aulas sendo ministradas por meio da língua de sinais. Assim, a fada dialoga com os pais do feijãozinho e apresenta a proposta para que os pais tenham a livre escolha em qual será a melhor para a aprendizagem do feijãozinho. Atentamos para a relevância da valorização do conhecimento por meio da língua de sinais e de uma escola para o feijão surdo, e conforme os autores abaixo:

Esses pressupostos são fundamentais para garantir uma visão mais ampla e científica a respeito dos processos intersubjetivos adulto-criança na aprendizagem e na interiorização dos aspectos formais e informais do conhecimento, uma vez que provocam uma reflexão mais profunda sobre as dificuldades causadas pelas diferenças linguísticas à maioria das crianças surdas filhas de pais ouvintes. (Machado, 2009, p. 47)

De acordo com a autora acima, reiteramos a aceitação e utilização da língua de sinais e seus aspectos culturais para as crianças surdas, a efetivação de escolas no modelo bilíngue, onde as aulas são ministradas em sua língua, no caso a língua de sinais. E todo o material é adaptado e voltado às singularidades da cultura surda (Slomski, 2012).

Nas páginas 28-29, temos uma indagação, se seria o fim ou o início de uma nova história. Presenciamos os pais e o filho apreensivos, observando e se encarando, refletindo sobre qual decisão tomar. Diante disso, remetemos às famílias ouvintes que têm filhos surdos e que muitas vezes, sentem-se aflitos sobre qual a melhor decisão a se tomar, por ser uma experiência nova no seio familiar.

Nos resultados apresentados, constatamos aspectos da cultura surda por meio da verbo-visualidade enquanto categoria de análise. Assim como a presença de alguns conceitos de Bakhtin, como autoria, heterodiscurso, ideologia e as relações dialógicas que nos faz abstrair sentidos únicos partindo de enunciados bem sustentados.

Com isso, percebemos a interdependência dos elementos verbais e visuais refratando, assim, os sentidos e vozes dos surdos e sua comunidade. Bakhtin (2003) assevera essa teoria, trazendo o verbal e o pictural em que cita a imagem externa pelas palavras e sua representação visual, sendo vivenciada no modo emotivo-volitivo. Ou seja, não é apenas ter o propósito de expressar, apresentar, mas o visual nos causa impressões e diferentes sentidos.

A leitura de textos a partir da interação com o verbal/visual, isto é, a articulação entre os elementos verbais e visuais como um todo, é relevante para nos debruçar na construção de significados e atribuição dos sentidos, pois a imagem se constrói nas relações dialógicas, interligadas entre o leitor, conteúdo e forma (Frutuoso, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos diante dos pressupostos que a obra analisada é verbo-visual e constitui-se a partir de duas materialidades relacionadas com algumas categorias-base de Bakhtin e o círculo. Ainda assim, durante toda a narrativa temos os aspectos pertencentes à cultura e à identidade surda.

Os sentidos expressos, a partir da presente análise, reverbera, refrata e dialoga com alguns conceitos Bakhtinianos como: Relações dialógicas, heterodiscurso, significação e ideologia. Portanto, consideramos esta pesquisa bastante relevante para a academia. Assim como nos faz debruçar em uma pauta bastante emblemática na atualidade que é a cultura surda e suas produções literárias.

Na obra, presenciamos uma relação de sentido entre as imagens e as duas línguas: a Libras escrita e a Língua Portuguesa. Pensando nisso, corroboramos com a ideia de Brait (2013) de que o verbal e visual é constitutivo, é uno em texto. Na análise, é nítida a presença do diálogo com as categorias bakhtinianas. Percebemos, ainda, a produção de diferentes significações partindo das cores, imagens, ilustrações e línguas existentes, evocando e refratando sentidos conjuntos voltados à comunidade surda. Dessa forma, cumprimos com os objetivos propostos na referida análise.

Além disso, como contribuição social, o leitor surdo ou ouvinte que atua na comunidade surda, ao realizar essa leitura, terá um contato profundo com as relações que envolvem a comunidade surda, os sentidos e significações. Com isso, sugerimos a construção de novas pesquisas e publicações partindo desta, dialogando com outros teóricos, produzindo outros efeitos de sentidos.

Diante disso, contribuímos para o alargamento e crescimento da área promovendo, assim, uma visibilidade e protagonismo para a Língua de Sinais e seus utentes. A comunidade surda passa a ser fortalecida por ter suas produções literárias e aspectos culturais sendo debatidos e discutidos no ambiente acadêmico e propagado para a comunidade em geral.

Diante do exposto, esta pesquisa é considerada de grande valia e um estudo primoroso que ocasiona ganhos para a comunidade acadêmica em geral, pois traz à tona a construção de sentidos voltados à subjetividade e à alteridade da pessoa surda, fazendo com que nos debruçemos nesse mundo cheio de significação, proporcionando, com isso, aos leitores e pesquisadores um vasto conhecimento acadêmico voltado à temática.

Por fim, na expectativa de que pudéssemos trazer implicações positivas e contribuir com o progresso literário, a partir da referida pesquisa, esperamos ter proporcionado um crescimento e fortalecimento no âmbito educacional, cultural, linguístico e literário.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. O. A visualidade na expressão em Libras. *In*: FREIRE, R., NOBREGA, M. (orgs). **XI CCHLA conhecimento em debate universidade e desafios do tempo presente**: homenagem a Eleonora Menicucci. João Pessoa, PB: Editora UFPB, 2018, 83 p.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 a. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, p. 43-66, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>> Acesso em: 07, maio.2022.
- BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1, set. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>> Acesso em: 07, maio 2022.
- BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso** São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre 2011. Acesso em: 22/08/2022.
- BRAIT, B. **Bakhtin, conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2020.

BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.

FRANCELINO, P. F. **A autoria no gênero discursivo aula**: uma abordagem enunciativa. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Pernambuco: Recife, PE, 2007.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo, Ed: Parábola editorial, 2009.

FRUTUOSO, A. F. S. A. **A verbo-visualidade no conto A lenda da cobra grande**: adaptação e tradução. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, PB, 2023.

OLIVEIRA-FILHO, J. B. A. **Análise verbo-visual de textos literários adaptados para a comunidade surda**. João Pessoa, PB : Ed. Meio eletrônico, 2021.

KUCHENBECKER, L. G. **O Feijãozinho Surdo**. Canoas, RS: Ed. Ulbra, 2011.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia de pesquisa**: um guia prático. Itabuna, BA: Via Litterarum, 2010.

MACHADO, P. C. A mediação do ensino de biologia na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES. In: RAMIREZ; MASUTTI (org.). **A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue**: uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009, p. 39-65.

PAJEÚ, H. M.; MIOTELLO, V. **A compreensão da cultura pelo ato responsável e pela alteridade da palavra dialógica nos estudos bakhtinianos**. Cad. Est. Ling. v.60, n.3, p. 775-794 - set./dez. Campinas, SP, 2018.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in america, voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEIXOTO, J. A.; POSSEBON, F. Artefato cultural: Religioso. Artefato cultural: religioso. In: PEIXOTO & VIEIRA (org.). **Artefatos culturais do povo surdo**: discussões e reflexões. João Pessoa, PB: Sal da Terra Editora, 2018, p. 190-205.

PEIXOTO, J. A. **O registro da beleza nas mãos**: a tradição de produções em língua de sinais no Brasil. João Pessoa, PB, 2016. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba.

PEIXOTO, J. A.; **A trajetória histórica da Literatura do povo surdo**. João Pessoa, IFPB, 2019.

PEIXOTO, J. A.; **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira. (recurso eletrônico)**. João Pessoa, PB: Ed. do CCTA, 2020.

SLOMSKI, V. G. **Educação bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. Curitiba, PR: Juruá, 2012.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria Bakhtiniana. **Revista Diálogos**, v. 5, n. 1, Mato Grosso, 2017.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2015.

SKLIAR, C. **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2016.